

O olhar sociológico de Guerreiro Ramos

Lucia Lippi Oliveira*

Para falar de Guerreiro Ramos, costumo usar as expressões: inteligência brilhante, capaz de *insights* memoráveis. Ele produziu fora ou em oposição aos cânones acadêmicos de sua época, o que nos ajuda a entender seu ostracismo na sociologia brasileira. O que é interessante perguntar: como podemos interpretar o atual interesse por Guerreiro Ramos? Ou seja, por que seus insights se tornaram atuais?

Este *outsider* da academia sociológica que se formava no Brasil a partir da USP tem recebido atenção de algumas dissertações de mestrado e teses de doutorado como a de José Saraiva Cruz (2002, UERJ), a de Edison Bariani Junior (2003, Unicamp) e também a tese de doutorado de Ariston Azevêdo (2006, UFSC). José Saraiva Cruz (2002) observa que é com Guerreiro que o “povo” aparece como categoria sociológica. Quer, deseja, aposta em mudanças, em transformações na sociedade brasileira. Partilha da expectativa de que o desenvolvimento (industrialização e urbanização) mudará a sociedade e defende a atuação do Estado como agente do desenvolvimento e da democratização. Edison Bariani Junior (2003) acompanha com sintonia fina as divergências entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes. Ariston Azevêdo vai se deter na formação filosófica de Guerreiro sustentando a coerência das crenças autor e a defesa em suas obras da necessidade de um novo humanismo.

Guerreiro foi homem de seu tempo, comprometido com as lutas da época. Sua trajetória oscilou entre o comprometimento e o ceticismo. A consciência nacional e o messianismo estiveram presentes na vivência e nas obras de Guerreiro ao longo de toda sua trajetória. Ele foi porta-voz de propostas de salvação nacional. A sociedade brasileira cobrou deste “mulato baiano” soluções para inúmeros problemas nacionais. Ele comprou a cobrança e procurou respondê-la lançando mão de tudo que acumulou em termos de conhecimento, erudição, vivência.

Para entender a trajetória de Guerreiro Ramos e sua produção intelectual é preciso acompanhar os temas, as questões e os desafios de seu tempo. Guerreiro Ramos nasceu em Santo Amaro da Purificação em 1915. Já em Salvador foi influenciado por um pensamento católico que derivava da revista *Esprit* e que teve em Jacques Maritain um expoente. Fez parte de uma elite, de uma geração intelectual baiana da qual fazia parte Rômulo Almeida - aliás foi ele quem o chamou para atuar na Secretaria de Educação sob o comando de Isaías Alves, irmão do interventor Landolfo Alves.

Os anos 1930 na Bahia foram muito fecundos. Ali foi o celeiro de diferentes intelectuais que vieram a ter papel de destaque na cultura e na esquerda brasileira, como Afrânio Coutinho, Edison Carneiro, Áydano do Couto Ferraz, Jorge Amado, para citar os mais conhecidos.

Embora Guerreiro declare não pertencer a nenhum grupo, ele teve atuação no Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Estado Novo. Antes, na juventude, Guerreiro Ramos, Rômulo Almeida e Abdias do Nascimento fizeram parte das hostes integralistas. Rômulo e Abdias se encontram na prisão. Guerreiro, por sua vez, estará junto com Abdias no Teatro Experimental do Negro a partir de 1944. Vamos aqui falar um pouco deste Teatro tão pouco conhecido pelos estudiosos da cultura brasileira tomando como fonte a dissertação de mestrado em Sociologia de Ricardo Gaspar Müller (UFMG, 1988).

O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi fundado em 1944 por iniciativa de Abdias do Nascimento, seu principal dirigente e porta-voz. Seu objetivo era incentivar um “teatro negro brasileiro” e sensibilizar o público para os problemas enfrentados pela população negra no Brasil. Desejava transformar a mentalidade do povo negro despertando-lhe a consciência de seu valor e cultura, inculcando a dignidade perdida. Sua proposta era ressaltar e positivar os valores negros, junto a negros, quebrar preconceitos e conseguir o reconhecimento da cidadania negra.

Sua fundação naquele tempo – fim da Segunda Guerra Mundial, surgimento de movimentos de independência na África, fim da ditadura do Estado Novo – favoreceu o movimento de denúncia da situação do negro e permitiu o conagraçamento de negros além

de abrir espaço para o surgimento de muitas vocações artísticas como a de Ruth de Souza entre outros.

Com o TEN criou-se uma “elite negra” capaz de falar pelos negros brasileiros, capaz de representá-los e conscientizá-los a assumir sua própria identidade. O conceito de negritude foi fundamental. A negritude, que envolve a produção de uma consciência negra, tomava como fundamento uma tradição dramática africana, uma teatralidade que seria inerente ao negro, a partir de uma antropologia que considera como suas marcas o movimento, o ritmo, o mágico, o emotivo, a vitalidade. Era preciso reencontrar a fonte natural que fora perdida, esmagada pela colonização, para firmar sua diferença e, ao mesmo tempo, facilitar e permitir a integração do negro na sociedade brasileira. Assim, resgatar a memória do negro brasileiro para a reconstrução de sua identidade e sua integração em novos termos.

O TEN assumiu os pressupostos de uma vanguarda, portadora de consciência e dotada de meios capazes de propiciar a redenção. Fala do lugar do excluído para lutar por sua inclusão. Considera-se intermediário privilegiado desse processo ao garantir a unidade do movimento e ser o intérprete junto às autoridades do Estado.

A produção ou escolha de peças de teatro, a realização de eventos para discutir o problema do negro (como o I Congresso do Negro Brasileiro, de 26 de agosto a 4 de setembro de 1950, na ABI, no Rio de Janeiro), são expressões do pensamento e atuação do TEN. Nos encontros promovidos pelo TEN vão ser discutidos os fundamentos de uma interpretação do Brasil e o lugar do negro. Tais encontros contaram com a presença de intelectuais como Guerreiro Ramos, Edison Carneiro além de Abdias do Nascimento.

O importante artigo de Guerreiro, “Contatos raciais no Brasil”, foi publicado no jornal *O Quilombo* em seu primeiro número, em 1948. O TEN publicou o jornal *O Quilombo*, cujos números 1 a 10 são datados de dezembro de 1948 a julho de 1950. Para quem quiser retomar a pesquisa neste jornal lembro que foi publicada uma edição fac-similar do mesmo, (São Paulo, Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, apoio da Fundação Ford, Editora 34, 2003), resultante do empenho de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães.

Vale também lembrar que os trabalhos de Guerreiro que abordam as relações raciais no Brasil foram produzidos entre 1948 e 1955, ou seja, enquanto ele estava no DASP e na Assessoria da Presidência da República.

Seguindo Soares (1993), vamos indicar como Guerreiro Ramos pontua o tema do negro. Para ele, a questão do negro não é uniforme no Brasil, há diferenças regionais e de classe; o preconceito de cor não equivale ao preconceito racial; o homem de cor assimila os padrões da cultura dominante e se vê segundo os padrões dos brancos; há ressentimento do homem de cor de posições mais baixas contra homens de cor de posição mais elevada; o Brasil não tem um sistema de castas (ou seja, é possível mobilidade social); o mestiço se vê do ponto de vista do branco, tende a camuflar suas marcas; os traços culturais africanos são tratados como pitorescos o que propicia a indústria turística do pitoresco; o padrão estético da população brasileira é o branco.

Nesta primeira abordagem sobre o tema Guerreiro defende o processo de integração do negro à sociedade brasileira. Discute os mecanismos de integração e defende técnicas – através do processo catártico do teatro - capazes de libertar os negros dos ressentimentos e das ansiedades. O Teatro Experimental do Negro, como já mencionamos, era expressão de uma elite de homens de cor e forneceria o melhor exemplo de experimento psico-sociológico para adestrar os participantes nos estilos de comportamento das classes médias e superiores. Guerreiro Ramos fazia grupos de terapia como caminho para solucionar a ambivalência da subjetividade do homem de cor. Foi diretor do Instituto Nacional do Negro, que, junto com o Museu do Negro, compunha o TEN. A questão fundamental aqui é a promoção social do negro, prepará-lo para a vida social eliminando o ressentimento.

Perguntado sobre suas relações com Abdias do Nascimento Guerreiro diz em entrevista (Lucia Lippi Oliveira. *A sociologia do Guerreiro*, 1995), que ele participou de vários movimentos organizados por Abdias, entre eles o jornal O Quilombo. E complementa: “Fiz experiências de psicoterapia, aplicando conceitos, eliminando tensões, o que me valeu a inclusão como *editor* de uma revista americana, em 1950. Era a revista de J. L. Moreno. Fiz várias experiências de psicodrama e sociodrama com empregadinhas

domésticas que tinham problemas emocionais e resolvi os problemas das meninas conversando, fazendo dramatização das coisas” (p.173).

Uma outra perspectiva se fez presente em seus trabalhos relativos ao tema nos anos 1954 e 1955, e está consignada principalmente em um capítulo do seu livro *Cartilha brasileira para aprendiz de sociólogo* (1954). A questão agora aparece inserida na necessidade de elaboração de uma consciência sociológica da situação do homem de cor. As relações raciais devem ser tratadas como um aspecto da sociologia nacional. Guerreiro parte para a crítica à sociologia e à antropologia praticadas no Brasil. A antropologia, segundo ele, é alienada, tanto pelas categorias quanto pela temática praticada. Estrutura social, aculturação, mudança são categorias transplantadas derivadas da antropologia, que faz dos povos primitivos material de estudo e racionaliza a situação colonial. Os problemas do negro, como do índio, são aspectos particulares do problema nacional e dependem da fase de desenvolvimento econômico do Brasil.

A questão do transplante e da falta do que chama “posição crítico-assimilativa” da ciência social estrangeira é central na análise das correntes e autores que tratam do negro. Esta questão é central em toda a obra do autor e será mais explicitada em *A redução sociológica*, obra publicada em 1958. Na *Cartilha* ele classifica os autores que tratam do negro em três correntes. Silvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Viana queriam formular teoria do tipo étnico brasileiro e não viam o negro como exótico ou estranho à comunidade nacional. Com Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, o negro se torna tema. Seus estudos atentam para o passado do negro e/ou para as sobrevivências. Comparam-nos com outras correntes étnicas acentuando as particularidades dos homens de cor.

Para ele, a sociologia do negro nada mais é do que uma ideologia da brancura. O negro é tido como problema porque a sociedade brasileira é europeizada; o branco é o ideal, a norma, o valor contra os que são portadores de pele escura. Considera fenômeno patológico a adoção do padrão estético europeu. Isso expressa o caráter patológico da psicologia coletiva brasileira, a adoção de um critério artificial, estranho à vida da

sociedade. Daí falar em “patologia social do branco brasileiro”, principalmente dos homens do Norte e Nordeste.

Para avançar no exame do tema, é necessário colocar entre parênteses a ciência social oficial, mesmo tratamento que defende em seu livro *A redução sociológica* (1958). É necessário tentar o entendimento a partir de uma situação vital expressa em seu *niger sum*, ou seja, no assumir-se como negro. O problema do negro só existe se pensarmos que a sociedade deveria ser de brancos. O negro é ingrediente normal da população – do povo brasileiro. O negro é povo. Não é componente estranho de nossa demografia. Ao contrário, é a sua mais importante matriz demográfica.

Guerreiro faz a denúncia do caráter patológico das atitudes do branco e da alienação do próprio negro ao assumir as mesmas atitudes. Sua crítica atinge Arthur Ramos, Gilberto Freyre e Edison Carneiro, além de Costa Pinto, de quem é inimigo feroz (SOARES, 1993, p.21).

O negro é povo, e o povo irrompe na história do Brasil a partir da formação do mercado interno, da industrialização, do desenvolvimento. É a existência do povo que cria a nação. Os conflitos de poder enfrentados por essa transformação obrigam a classe dominante a assumir consciência das necessidades orgânicas da sociedade para se tornar classe dirigente. Seus livros *A crise do poder no Brasil* (1961) e *Mito e verdade da revolução brasileira* (1963) estão expressando essa luta e os conflitos entre correntes que disputam corações e mentes do povo, ou melhor, de sua vanguarda.

Guerreiro Ramos, como já mencionei, está refletindo e pensando a questão do negro a partir de sua própria experiência vital, está se assumindo como negro. Faz isto em uma posição social de elite negra e ocupando um espaço nada modesto na assessoria da Presidência da República. É preciso lembrar que ele declara que foi daquele lugar que começou a entender os problemas da política e do Estado no Brasil.

A partir daí trata o problema da população negra inserindo-a em sua compreensão da questão, a mais datada, atrelada a uma conjuntura que não mais existe: o Estado promotor do desenvolvimento e da democracia no Brasil. Por outro lado, a seu favor, podemos dizer que foi fato a inserção de negros e mulatos no aparelho de Estado, no sindicalismo, nas

forças armadas, especialmente Exército e Aeronáutica, no Banco do Brasil, na Petrobrás. A crise do Estado brasileiro a partir dos anos 1980 cortou esta corrente de promoção e mobilidade do negro.

Guerreiro teve seu mandato de deputado federal pelo PTB do antigo Estado da Guanabara cassado em 1964. Depois disto volta a analisar e a escrever sobre administração, racionalidade, teoria das organizações. Em 1966 foi para os Estados Unidos, onde ensinou e produziu artigos e livros. Lá escreveu *A nova ciência das organizações – uma reconceituação da Riqueza das nações* (1981). Ou seja, estava ocupado em repensar o Ocidente decadente, estava questionando a categoria de tempo que se desenvolvera com o Iluminismo. Com sua crítica à sociedade centrada no mercado, passa a desenvolver sua “teoria delimitativa dos sistemas”.

Assim, não é possível inferir o que ele estaria dizendo sobre as análises das relações raciais/étnicas hoje no Brasil. Não sei se Guerreiro Ramos estaria concordando com a “política de cotas”, defendida por Abdias do Nascimento entre outros, como medida legal capaz de diminuir as diferenças sociais entre negros e brancos, principalmente se tomarmos essa política como resultado da importação de categorias do mundo norte-americano para a brasileiro, haja vista que a crítica ao transplante de categorias era fundamental em sua sociologia, em sua proposta de “redução sociológica”.

Mas certamente a valorização da negritude seria aplaudida, já que ele já enfatizara a necessidade de analisar a psicologia coletiva e a estética tomando-as como questões fundamentais da vida do homem de cor e da sociedade brasileira.

Do ponto de vista da sociologia a maior contribuição de Guerreiro Ramos foi ter mostrado que o “universal” da sociologia definiu-se a partir da centralidade de casos históricos. Assim questionou conceitos, teorias e hipóteses enfim categorias analíticas elaboradas nos países centrais, tais categoriais eram naturalizadas pelas ciências sociais e, segundo ele, inadequadas à compreensão da realidade nacional. Este, pode-se dizer, era o núcleo de seu pensamento e o pomo da discórdia com seus contemporâneos, os sociólogos da academia.

Referência bibliográfica:

AZEVÊDO, Ariston. A Sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos. UFSC, Programa de Pós-graduação em Sociologia política, 2006. Tese de doutorado.

BARIANI JUNIOR, Edison. *A Sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias* (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos). UNESP/Araraquara, 2003. Dissertação de mestrado.

CRUZ, José Saraiva. *Guerreiro Ramos e a construção ideológica do nacionalismo desenvolvimentista*. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UERJ, 2002. Dissertação de mestrado.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild, nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MÜLLER, Ricardo Gaspar. *Identidade e cidadania: o Teatro Experimental do Negro*. Dissertação de mestrado em Sociologia, UFMG, 1988.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A Sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

_____. A redescoberta do Brasil nos anos 50: entre o projeto político e o rigor acadêmico. In: MADEIRA, Angélica; VELOSO, Mariza (Orgs). *Descobertas do Brasil*. Brasília: UNB, 2001. p. 139-161.

RAMOS, Guerreiro. Entrevista. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

SOARES, L. A. Alves. *A sociologia crítica de Guerreiro Ramos: um estudo sobre um sociólogo polêmico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Copy&Arte, 1993.

* Lucia Lippi Oliveira é socióloga, pesquisadora e professora do CPDOC/FGV. Autora do livro *A sociologia do Guerreiro*, editado pela UFRJ em 1995.